

Yeats fez um resumo dos conceitos de Swedenborg. Ele havia sido apresentado à poesia japonesa por Ezra Pound e comparou uma das afirmações de Swedenborg com a peça japonesa *Awoy no Uye*, que trata do exorcismo de um fantasma que, ele próprio, é possuído por um espírito demoníaco. Seu ensaio sobre esse trabalho é uma admirável e turbulenta caminhada através do mato rasteiro do sobrenatural. Ele contém informações tais como o relato de um conceito existente no Oeste da Irlanda, onde os camponeses dizem que todo homem, depois da morte, avança em anos ou rejuvenesce até ter a aparência de trinta anos, permanecendo "sempre com esse aspecto", "talvez porque, nessa idade, Cristo iniciou seu sacerdócio". Ele anota a estória de um homem que ouviu o balido de um cordeirinho recém-nascido, um cordeiro do "reino das fadas" (presumivelmente, pertencente às fadas do folclore irlandês, que fascinou Yeats durante toda a sua vida), um lamento lançado em novembro — "um sinal para indicar uma inversão das estações, sendo a nossa primavera o seu outono e o nosso inverno o seu verão".

Yeats também sumarizou as idéias de Allan Kardec, o francês pioneiro do espiritualismo na maior parte do mundo latino, em especial no Brasil, e de Andrew Jackson Davis, o "vidente" de Poughkeepsie, Nova Iorque. Ele preferiu os escritos de Kardec à prosa incoerente de Davis. Em uma nota ao pé da página, onde deu uma lista das autoridades contemporâneas da pesquisa psíquica, Yeats declarou, laconicamente: "Eu mesmo tenho sido um investigador mais ou menos ativo." E: "Aconteceram certas coisas comigo, quando sozinho em meu quarto, que me convenceram de que existem inteligências espirituais que podem avisar-nos e aconselhar-nos." Às vezes parecendo ingênuo, depois profundo, em seguida cético, ele deu a várias escolas de conceitos do após-morte o que mereciam receber. "Se eu subisse no telhado daquela velha casa em Soho", escreveu ele, com afável ironia, "onde uma médium está sentada entre criadinhos", a "velha gorda diria, em dialeto londrino, como os [soldados] mortos ainda não sabem que estão mortos, porém tropeçam no meio de imaginária fumaça e ruído e, então, espíritos angelicais tentam despertá-los, mas em vão." Ele foi a imagem de si mesmo, quando escreveu: "Apesar de tudo, nós nunca desejamos escapar da fantasmagoria, nem nunca desejamos esquecer que estamos entre os que mudam de forma [visões ou aparições]. Às vezes nossas próprias

mentes modelam aquela misteriosa substância, que pode ser a própria vida, de acordo com o desejo ou constrangidas pela memória, e os mortos, não mais lembrando seus nomes, tornam-se os personagens do drama que nós mesmos inventamos."

Esta foi uma encruzilhada em sua vida. Para trás, nos dias de Londres e com Macgregor Mathers, ele conhecera a sensitiva e apaixonada Maud Gonne, profundamente devotada à causa do nacionalismo irlandês. Os dois tomaram caminhos diferentes. Então, em 1917, a irmã de Maud, Iseult Gonne — com apenas quinze anos de idade, para os seus cinquenta —, sugeriu que ambos se casassem. Talvez para não magoá-la e para optar contra o casamento, Yeats refugiou-se na astrologia. Havia Marte demais no horóscopo de Iseult, para combinar com sua personalidade de Gêmeos. O interesse que ele sentiu pelo sobrenatural pareceu enriquecer suas habilidades poéticas. Conforme Sherman Yellen observou, na revista *Tomorrow* (primavera, 1962), quando Yeats "sondava o psíquico, sua poesia e seus interesses intelectuais tornavam-se muito mais austeros do que superficialmente arrebatados. A obra de Yeats não lida apenas com o místico, mas também com o erótico no homem, sempre e sempre analisando as relações entre o físico e o espiritual".

No dia 21 de outubro de 1917, Yeats casou com George Hyde-Lees, uma mulher também muito mais moça que ele. Os primeiros dias da lua-de-mel parecem ter sido um penoso esforço — mas a tensão foi quebrada por um extraordinário acontecimento. A Sra. Yeats revelou ser médium. Em seu livro *A Vision* [Uma Visão], Yeats registra o evento da seguinte maneira: "Na tarde do dia 24 de outubro de 1917, minha esposa causou-me surpresa por tentar a escrita automática. O que veio, em sentenças desconexas e em letra quase ilegível, foi tão emocionante e, em certos momentos, tão profundo que eu a persuadi a dedicar uma ou duas horas, dia após dia, ao escritor desconhecido; depois de uma meia dúzia de tais horas, ofereci gastar o que me restasse de vida para interpretar e reunir aquelas sentenças esparsas. 'Não', foi a resposta, 'nós viemos dar-lhe metáforas para a sua poesia'."

É adequado e necessário parar e tentar fixar o que estava acontecendo com essas duas pessoas. A "escrita automática" é um fenômeno muito freqüente, mas ainda assim inexplicável. Ela quase sempre assume a forma de escrita manual, razoavel-